

Quarta-feira, 26 de Novembro de 1958

RUBEM BRAGA

## O HOMEM E A CASA

**E**U até tinha pensado em mandar um recado ao governador Jânio dizendo que não era negócio. Li com atenção a reportagem de «Última Hora» sobre a casa que o sr. Jânio iria comprar no Méier; «elementos ligados ao conhecido político» já teriam oferecido 18 milhões à vista, o dono estaria pedindo 20 milhões.

«Um sonho de mil e uma noites», é assim que diz o título da reportagem sobre o palacete. Pela descrição minuciosa que o repórter fez, acho que isso é exagero. Para morar com certo luxo no Méier eu pediria, pelo menos, ar refrigerado e uma piscina; não há nada disso. Há, por exemplo, «uma linda geladeira de um modelo que não se encontra à venda no Brasil, com uma porta só para o congelador», coisa que me parece estimável, porém banal. O piso, onde não é de jacarandá, é de mármore português, o que me parece um desperdício de novo-rico, sem nenhum cabimento. E «as clássicas sanças e florões são vistos até mesmo na garagem», o que é mau português do repórter e alucinado mau gosto da dona da casa.

Morar no Méier já me parece coisa insensata para um deputado paulista pelo Paraná. Morar no Méier, para valer mesmo como demagogia, só morando numa casinha ou apartamento de dois quartos, coisa para seis ou oito mil cruzeiros ao mês, e vindo para a cidade em lotação — este é o nível digno de um bom professor secundário. O palacete me pareceu um mau emprêgo de capital e de demagogia, e eu estava aflito com isso, pois estimo o sr. Jânio Quadros.

Receio que o estime cada vez menos. Ele também leu a reportagem do vespertino, em sua edição paulista, e reagiu mal. Em um bilhete ao seu secretário da Justiça, o sr. Oscar Pedroso d'Horta, ele diz que a aquisição do tal palacete foi inventada «criminosamente» pelo jornal, desmente tudo, afirma não dispor nem longinquamente de 20 milhões e termina assim: «promova, pois, v. exa., a competente ação, para chamar aos tribunais o jornal infamante».

Ora, não vejo, no caso, crime nem infâmia. Vamos supor que tenha havido malícia; admitamos mesmo que tenha havido má fé. Seria caso para um desmentido e, no máximo, para um protesto. Processar o jornal é descabido e infantil.

Admiro muito algumas virtudes do sr. Jânio Quadros, mas atitudes como essa me deixam frio. Se eu fosse seu amigo o aconselharia a sorrir dessas coisas e deixar ao general Lott, seu provável competidor, a tarefa inglória de processar jornais a torto e a direito. Esperemos que o sr. Oscar Pedroso d'Horta, que até há pouco era diretor do jornal que o sr. Jânio tão puerilmente quer levar aos tribunais, lhe dê um bom conselho. E, se possível, um pouco de bom humor — ou de «sense of humour».

P.S. — Nossos parabéns ao prefeito Sá Freire Alvim, que resolveu doar ao Instituto de Arquitetos Brasileiros terreno para construção de sua sede.